

DO CLÁSSICO AO MODERNO: *CIDADÃO KANE* E A MODERNIZAÇÃO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Igor Cerqueira Cordeiro¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar um breve estudo sobre a modernização da linguagem cinematográfica a partir do filme *Cidadão Kane* (1941), realizado pelo diretor Orson Welles. Busca-se analisar a forma como ele conjuga os elementos de expressão fílmica para promover profundas modificações em relação às convenções dramáticas e estéticas do cinema clássico hollywoodiano, desta forma, lançando as bases para o surgimento do cinema moderno.

Palavras-chave: *Cinema; Linguagem cinematográfica; Narrativa fílmica; Cidadão Kane.*

Presente na maioria das listas de melhores filmes de todos os tempos, às vezes elencado na primeira posição ou então disputando-a com concorrentes à altura de *Um Corpo que Cai* (Hitchcock, 1958), *A Regra do Jogo* (Renoir, 1939) ou *Oito e Meio* (Fellini, 1963), indiscutivelmente, *Cidadão Kane* (Wells, 1941) é uma das mais importantes obras cinematográficas já produzidas. Trata-se de um filme seminal, que lançou as bases para o surgimento do cinema moderno ao sistematizar um conjunto de inovações e procedimentos técnicos concernentes à linguagem cinematográfica, os quais foram sendo isoladamente desenvolvidos nos decênios anteriores.

Foi o primeiro filme realizado pelo jovem diretor Orson Welles quando tinha apenas 25 anos de idade, vindo a se tornar, anos depois, um dos mais aclamados da história do cinema, embora não tenha obtido o sucesso esperado nas bilheterias à época de seu lançamento. Também foi pouco reconhecido pelas grandes premiações cinematográficas,

¹ Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Comunicação / Jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e graduado em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: igorcrd@hotmail.com.

sobretudo a *Academy Award*, que, talvez por prudência diante do ímpeto revolucionário de Welles, optou por premiar seu filme em uma única categoria².

Orson Welles foi um cineasta multifacetado, tendo atuado também como roteirista, produtor e ator em muitos dos filmes que realizou. Ele iniciou sua trajetória artística no teatro e no rádio, mas foi no cinema que obteve maior destaque. Ao longo de seus 38 anos de carreira, dirigiu quatorze filmes, além de alguns projetos inacabados, e trabalhou como ator e narrador em diversas produções. Além de *Cidadão Kane* (1941), outros títulos de sua filmografia também conquistaram o reconhecimento da crítica especializada, como *Soberba* (1942), *A Dama de Xangai* (1946) e *A Marca da Maldade* (1958).

Conforme Bazin (2005), apesar de o cinema já não mais estar em seus primórdios em 1941, o primeiro filme de Orson Welles adquiriu tamanha importância pela ousadia do tema abordado bem como pelas profundas inovações em termos de estilo e linguagem introduzidas no cinema da época, as quais provocaram uma revolução na arte hollywoodiana.

Welles ganhou projeção após ter realizado a transmissão radiofônica de uma suposta invasão aos Estados Unidos por alienígenas, em 30 de outubro de 1938. O incidente provocou grande perturbação no país, causando um estado de pânico generalizado, que levou inúmeras pessoas a abandonarem suas casas, dando início a uma tentativa de fuga em massa. Tudo, no entanto, não passava de uma “travessura” de *Halloween* baseada na leitura dramatizada do romance *A Guerra dos Mundos* (1898), de Herbert George Wells. A repercussão desse fato foi tamanha, que a criatividade e ousadia de Orson Welles acabaram por despertar o interesse dos estúdios RKO Radio Pictures, o qual o contratou para realizar filmes capazes de satisfazer o interesse do público e, desta forma, auferir grande lucro à empresa.

Para tanto, Wells dispunha de prerrogativas que poucos diretores de *Hollywood* possuíam à época. Pagavam-lhe um bom salário e tudo aquilo que fosse necessário à realização de seus filmes era-lhe provisionado pelos produtores, inclusive o direito ao almejado corte final, para que assim pudesse exercer sua criatividade durante o processo de montagem sem sofrer interferências ou pressões externas dos grandes executivos da indústria cinematográfica. Tudo para que ele pudesse demonstrar toda sua inventividade

² *Cidadão Kane* recebeu nove indicações ao Oscar, porém, foi premiado apenas na categoria de Melhor Roteiro Original, assinado por Orson Welles e Herman J. Mankiewicz. Também recebeu o prêmio de Melhor Filme de 1941 pela New York Film Critics Circle Awards.

sem nenhum tipo de restrição. Desta forma, em 1941, foi lançado *Cidadão Kane*, seu primeiro e mais conhecido longa-metragem, produzido pelos estúdios RKO Radio Pictures.

Cidadão Kane conta a história de vida de um grande magnata das comunicações nos Estados Unidos da América, Charles Foster Kane (interpretado pelo próprio Orson Welles), desde sua infância pobre, passando pela sua trajetória ascendente, tornando-se um dos mais poderosos empresários do mundo, até sua decadência e último suspiro no leito de morte, quando pronuncia sua derradeira palavra em vida: “Rosebud”. A propósito disso, tem início o trabalho de investigação de um repórter, cujo objetivo é descobrir o significado da misteriosa palavra mencionada por Kane antes do seu falecimento, por crer que as últimas palavras de um homem seriam capazes de elucidar detalhes de sua vida.

Para tanto, ele passa a realizar entrevistas com algumas pessoas que conviveram com o magnata e através delas vão sendo revelados detalhes que permitem a reconstituição de sua trajetória de vida a partir de olhares diversos. A vida de Kane vai se revelando através dos pontos de vista subjetivos apresentados pelos personagens entrevistados, que relatam suas próprias versões sobre a misteriosa personalidade do protagonista do filme.

Quando do seu lançamento, *Cidadão Kane* ainda teve de enfrentar a forte retaliação do poderoso empresário da imprensa norte-americana, William Randolph Hearst, o qual promoveu uma campanha para boicotar o filme, além de proibir que fosse feita qualquer menção em seus jornais ao longa-metragem por julgar que havia nele referências ofensivas à sua vida pessoal ao retratar um relacionamento extraconjugal com uma personagem atriz mantido pelo protagonista e sua incontrolável ganância pelo poder.

A história de *Cidadão Kane*, como é possível perceber, é bastante simples, não havendo grande complexidade ou hermetismo quanto ao desdobramento dos fatos. O filme apresenta diálogos bem construídos e personagens bem elaborados e caricaturais, constituindo um painel de tipos bastante variados e funcionais à trama no que tange à diversidade de olhares e pontos de vista sob os quais a vida do protagonista é contada. Dentre os principais personagens, são apresentados os pais do ainda jovem Kane, que remontam a sua infância pobre; um banqueiro e tutor, o qual representa a ascensão do protagonista; uma esposa conservadora oriunda das classes abastadas e poderosas e uma amante comum, que marca o princípio da decadência do personagem central do filme.

No entanto, o que torna *Cidadão Kane* tão aclamado pela crítica e reconhecido pelo seu valor artístico não é a história contada no filme, mas a sua proposta de modernização da linguagem cinematográfica ao romper com as convenções dramatúrgicas e estéticas do

cinema clássico hollywoodiano, servindo, desta forma, como ponto de partida para o cinema moderno. Através do seu talento para manipular os elementos próprios da linguagem fílmica, Welles manifesta seu estilo pessoal por meio da formatação da estrutura narrativa, que funciona como um vetor de condução para a história do filme.

A propósito disso, é importante para essa questão que seja ressaltada a diferença entre história e narrativa fílmica, porque, em que pese a trama de *Cidadão Kane* ser bem elaborada, ainda assim, trata-se tão somente de mais uma das grandes histórias já narradas pelo cinema e por isso não deve ser vista como o aspecto preponderante da obra. Pois o que de fato atribui valor artístico a uma obra cinematográfica não é o acontecimento narrado, a trama, a fábula, mas sim a forma como a história é contada mediante a escolha adequada e mais eficiente do encadeamento de planos, cenas e sequências em favor da explicitação do acontecimento narrado.

Existem, num filme, dois planos: um plano relativo à narrativa e um plano relativo à fábula. O primeiro refere-se ao como – ao conjunto das modalidades de língua e estilo que caracterizam o texto narrativo. À articulação feita pelo cineasta dos diversos elementos da linguagem fílmica. Como ele articula estes elementos é que determina o estilo de cada um. O segundo, o plano da fábula, refere-se à coisa da narração – à sua história. Na análise de um determinado filme, o plano onde se torna necessário procurar a sua eventual poeticidade não é o da fábula, mas o da narrativa, ou do discurso cinematográfico (SETARO, 2010, p. 28).

Portanto, o valor de uma obra cinematográfica, que faz jus à arte e genialidade do seu realizador, é expresso através da maneira peculiar como ele conjuga os elementos da linguagem cinematográfica – planos, movimentos de câmera, angulação, montagem, etc. – para construir e dar forma autêntica à estrutura narrativa do filme.

A despeito das pretensões de se tentar criar alguma associação intrínseca entre o cinema e o ato narrativo, à semelhança do que ocorre com literatura, por exemplo, cujos personagens passam a estabelecer relações entre si conforme o desdobramento dos fatos até que se chegue ao desfecho da trama, ainda assim, não há nenhuma relação lógica que estabeleça vínculo entre o cinema e a narrativa fílmica. Haja vista que, os primeiros filmes, à época dos irmãos Lumière, não passavam de meros registros de acontecimentos da realidade. Isso revela que há muitas formas de se fazer cinema, até mesmo exemplos que fogem ao domínio da narrativa. Ademais, até que o cinema estivesse pronto e preparado para contar histórias, decorreu-se um longo processo de invenção de recursos linguísticos

próprios, a partir das contribuições inventivas dos diversos realizadores que se aventuraram nessa arte.

Por ser uma arte jovem, contando apenas um século, o cinema, quando descoberto pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895, ainda não sabia falar, expressar-se em linguagem autônoma. O amadurecimento da linguagem cinematográfica foi sendo feito aos poucos e, somente em 1915, como atesta Moniz Vianna, ela foi de fato sistematizada, aparecendo como autêntico meio de expressão em *O nascimento de uma nação* (1914-15) e *Intolerância* (1916), ambos de David Wark Griffith (SETARO, 2010, p. 21-22).

Após haver sido estabelecida, todavia, a linguagem do cinema ainda necessitava ser aprimorada em prol da eficiência narrativa. Eis então a importância histórica de *Cidadão Kane* para o aperfeiçoamento e modernização da linguagem cinematográfica, uma vez que, de forma inovadora, o filme introduziu, reinventou e aproveitou um conjunto de procedimentos de expressão fílmica para revolucionar a sintaxe do cinema. Embora nem tudo que aparece no filme de Welles tenha sido por ele mesmo inventado, visto que muito daquilo que foi empregado já havia sido exibido em outras películas precedentes, a forma com que os elementos linguísticos foram conjugados no filme, para que, deste modo, fosse possível narrar a história de vida do magnata Charles Foster Kane, foi revolucionária e decerto ampliou as possibilidades de expressão linguística do cinema.

Tendo em vista que o filme se constitui com base em relatos fragmentados dos personagens entrevistados durante o desdobramento da trama, isso deu margem a Welles para manipular com total liberdade a ordem cronológica da narrativa fílmica, desta forma, optando por não respeitar sua tradicional linearidade.

O cinema clássico, até então, caracterizava-se por apresentar uma ordenação sucessória e progressiva da estrutura narrativa de seus filmes, a qual favorece a progressão dramática da trama ao seguir uma ordem baseada na apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho do acontecimento. Neste caso, a ordenação causal da “trama é composta por um estágio de equilíbrio, sua perturbação, a luta e a eliminação do elemento perturbador” (BORDWELL apud RAMOS, 2004, p. 279). Tal linearidade era construída com base no uso conservador de movimentos de câmera, de planos e de enquadramentos, de tal modo que a compreensão da trama pelo espectador não restasse comprometida, por exemplo, por sobressaltos temporais nos quais não houvesse uma relação de causalidade entre os elementos da trama.

A manipulação da estrutura narrativa de *Cidadão Kane* é favorecida porque a trama é conduzida por meio de retrocessos no tempo sob a forma de *flashbacks* em relação ao momento presente do jornalista investigador. A narrativa fílmica tem início com a morte de Kane, depois retorna à sua infância, avança até a velhice, retrocede à juventude e assim por diante. Ao mostrar previamente o falecimento do protagonista, além de dar indícios sobre o desfecho da trama, o filme cria uma sensação de inevitável fatalismo que muito contribui para a sua dramaticidade. Desta forma, a vida do protagonista é apresentada como um enigmático quebra-cabeça a ser montado pelo próprio espectador a partir das suas conclusões acerca dos múltiplos depoimentos que vão revelando a personalidade de Kane.

Cidadão Kane não foi o pioneiro em relação ao uso do *flashback*³, no entanto, foi o primeiro filme a utilizar esse procedimento de retorno ao passado de modo sistemático e organizado, para promover a alteração da ordem de disposição dos acontecimentos no discurso narrativo em relação à ordenação sucessória de apresentação da história. De acordo com Bazin (2005, p. 75):

O mais das vezes, porém, a retrospectiva só fora utilizada como uma comodidade da narrativa, ao passo que, como veremos, alcança em *Cidadão Kane*, a dignidade de um ponto de vista metafísico. Em todo caso, embora o filme de Welles não tenha absolutamente inventado o flash-back, introduzi-o na linguagem cinematográfica corrente, tendo sido responsável por uma revolução na história do roteiro.

Para não incorrer no surgimento de múltiplas tramas, em razão dos diversos testemunhos que são apresentados sobre uma mesma pessoa, o filme foi estruturado a partir de um artifício dramático: a última palavra pronunciada em vida por Kane em seu leito de morte. O enigma “Rosebud” é a chave-mestra que desencadeia a narrativa do filme e funciona como referencial para os diversos pontos de vista que são relatados sobre a personalidade do protagonista.

É interessante observar que ninguém, além do espectador, sabe ao certo qual foi a derradeira palavra mencionada por Kane antes do seu falecimento, visto que, neste momento, ele se encontrava isolado em um recinto que fora invadido pelo movimento perscrutador da câmera, a qual flagra uma pequena bola de cristal espatifando no chão após cair da mão do protagonista. Então, o que há de fato é tão somente uma vaga ideia a respeito dos últimos dizeres do moribundo.

³ Glória e Poder (Howard, 1933) e Trágico Amanhecer (Carné, 1939) são exemplos de filmes que já haviam feito uso do *flashback* antes mesmo de *Cidadão Kane*.

No final do filme, a despeito de todo o esforço investigativo empreendido pelo jornalista, o enigma continua sem explicação. Ninguém conhece o verdadeiro sentido da enigmática palavra, até que, na última cena, a câmera executa um *travelling* entre os pertences da herança de Kane e avança até se deter ante uma fornalha, onde as chamas do fogo destroem um trenó no qual está gravada a palavra misteriosa. Desta forma, o enigma é desvendado apenas para o espectador, sendo mantido o mistério para os personagens do filme. “Rosebud” seria então a lembrança nostálgica de um passado feliz durante a infância, o qual jamais fora recuperado, apesar de toda fortuna e poder acumulados ao longo de uma vida.

O enigma “Rosebud” é apresentado no primeiro dos dois prólogos de *Cidadão Kane*, cujo começo ocorre quando a câmera, indiferente ao aviso de “entrada proibida”, irrompem um portão por meio de um efeito produzido pela fusão de cenas justapostas, conduzindo o espectador ao interior do palácio Xanadu e termina com a bola de cristal que se espatifa no chão. O segundo prólogo tem início com um pequeno documentário jornalístico, à semelhança de um cinejornal, o qual faz um breve relato sobre a trajetória de vida de Kane. Neste momento, são revelados detalhes introdutórios cuja função é ambientar o espectador e apresentar-lhe, de modo superficial, alguns aspectos sobre o protagonista da trama.

Este artifício é de grande importância para efeito de organização da narrativa, uma vez que oferece um panorama geral sobre a trama em face do embaraço que o constante movimento de idas e vindas aos mesmos eventos, sob diferentes perspectivas, poderia provocar na temporalidade fílmica, prejudicando, desta forma, a sua inteligibilidade pelo público da época, ainda pouco acostumado aos *flashbacks*.

Um dos grandes feitos que fez de *Cidadão Kane* um dos melhores filmes já produzidos, certamente, foi o trabalho inovador realizado pela direção de fotografia, ainda que não tenha obtido o reconhecimento das grandes premiações. O uso da iluminação em alto contraste, à semelhança da estética expressionista, para intensificar o efeito dramático de algumas cenas; tomadas de câmera em ângulo baixo; substituição da composição de vários planos e movimentos de câmera pelo uso de tomadas longas, permitida pela utilização do foco em profundidade, são alguns bons exemplos que justificam o ótimo trabalho fotográfico realizado no filme.

A exploração ampla e contextualizada da profundidade de campo, por exemplo, eliminou a necessidade da alternância do foco entre o primeiro plano, o meio e o fundo de

uma mesma cena, privilegiando, assim, o campo total e permitindo ao espectador também decidir o que é mais importante para si em relação à interpretação do filme graças ao redimensionamento focal do espaço cênico. Todavia, Orson Welles não pode ser considerado o precursor em relação à aplicação deste recurso, pois, conforme ensina Merten (2013, p. 71), David Griffith, em *O Nascimento de Uma Nação* (1915), já o havia utilizado nas cenas do Congresso Americano e na do assassinato do presidente Abraham Lincoln.

A definição do que será mantido em foco funciona como uma indicação do diretor acerca daquilo que realmente é importante na cena e que, por isso, merece a atenção do espectador. Sendo assim, o uso do foco em profundidade também propicia uma expansão da possibilidade de leitura dos elementos semióticos ao permitir o desenvolvimento de ações simultâneas em um mesmo enquadramento.

De uma forma mais geral, a profundidade de campo possibilita, repito, uma composição longitudinal: os personagens não entram mais em cena apenas pelos lados, mas vindos de trás ou da frente, e evoluem em torno do eixo longitudinal, aproximando-se e afastando-se conforme a importância de suas palavras ou de seu comportamento a cada instante (MARTIN, 2013, p. 188).

Dentre as muitas cenas em que a profundidade de campo é explorada no filme, uma merece especial atenção. Após surpreender o personagem Jedediah Leland bêbado, dormindo sobre a máquina de datilografar, Kane decide então terminar de redigir a crítica negativa sobre a desastrosa apresentação cênica de sua própria esposa Susan, cujo amigo já havia começado a escrever. Enquanto o protagonista segue datilografando em primeiro plano, Leland entra em cena pelo fundo e avança em direção à câmera para ouvir de Kane o seu aviso de demissão. Neste caso, o foco em profundidade reforça a intensidade dramática da cena à medida que se aproxima o encontro dos personagens.

Figura 1 – Cena filmada com o uso do foco em profundidade



Fonte: *Cidadão Kane* (Orson Welles, 1941, RKO Radio Pictures)

Outra característica marcante em *Cidadão Kane* é o uso reiterado das angulações de câmera baixa e alta para sinalizar o contraste entre os papéis ocupados pelos personagens e suas respectivas condições de importância nas cenas. As tomadas de câmera em ângulo baixo (*contre-plongée*), sobremaneira nas cenas que envolvem o protagonista da trama, têm como função produzir um efeito dramático específico ao estarem sempre a chamar a atenção para a grandiosidade e imponência da poderosa figura de Charles Foster Kane em relação ao espaço cênico e aos demais personagens da cena. Esse ângulo de câmera diz muito sobre a personalidade manipuladora e, às vezes, prepotente de Kane.

Na cena da disputa eleitoral, por exemplo, Kane é mostrado, em um púlpito, discursando em um comício para uma plateia de eleitores e correligionários. Ele está a participar da corrida eleitoral ao cargo de governador, e praticamente todas as pesquisas confirmam a sua vitória. O protagonista, neste momento, é filmado de baixo para cima, a partir de um ponto de vista abaixo do nível normal do olhar, simbolizando o poder, a superioridade e o iminente triunfo nas eleições do magnata das comunicações norte-americanas. Todavia, as previsões não se confirmam, e Kane é derrotado após ser vítima de chantagem feita pelo seu opositor político.

Figura 2 – Cena filmada a partir do ângulo de câmera baixa.



Fonte: *Cidadão Kane* (Orson Welles, 1941, RKO Radio Pictures)

Ao utilizar esse conjunto de procedimentos de expressão fílmica, Orson Welles conseguiu realizar uma obra-prima que, certamente, tem seu lugar reservado no panteão do cinema mundial. *Cidadão Kane* é um filme de clareza narrativa soberba, que decerto modernizou a estética e a linguagem cinematográfica, e com isso aprimorou a forma com que as histórias são narradas pelo cinema. Por isso, até os dias atuais, continua a servir como referência para muitos realizadores da sétima arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lançamento de *Cidadão Kane* em 1941, certamente, representa um marco na história do cinema mundial. O filme apresentou uma nova proposta de realização da sétima arte, que reconfigurou os padrões dramáticos e estéticos da produção fílmica em relação ao que vinha sendo realizado até então. Nem tudo que consta do filme pode ser atribuído à capacidade inventiva de Orson Welles, todavia, ao abolir alguns procedimentos e introduzir e reinventar outros, o diretor demonstrou grande maestria ao saber articular de modo eficiente os elementos específicos da linguagem cinematografia para construir uma narrativa original e inovadora.

A ruptura da linearidade narrativa, orientada pelo uso sistemático e organizado de *flashbacks*, com a finalidade de produzir efeito de superposição da ordem cronológica da

apresentação dos acontecimentos; o reverenciado trabalho fotográfico mediante a exploração da profundidade de campo; as tomadas com câmera em ângulo baixo; o uso dos longos planos que contestam a fragmentação da montagem, foram alguns dos recursos empregados que permitiram a Orson Welles realizar um filme que lançou as bases daquilo que viria a ser feito em termos de estética e linguagem no cinema moderno. Desta forma, *Cidadão Kane* se autojustifica, por sua forma e conteúdo, como uma das maiores obras cinematográficas de todos os tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZIN, André. **Orson Welles, precedido de, Welles e Bazin, de François Truffaut, e seguido por Conversas com Orson Welles**. Zahar, 2005.

BORDWELL, David. "O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos". In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Teoria Contemporânea de cinema (v. 2)**. São Paulo: SENAC, 2004. p. 277-302.

CIDADÃO Kane. Dir.: Orson Welles. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1941. P&b. 119 min.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 4. ed. São Paulo, São Paulo: Brasiliense, 2013.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema: entre a realidade e o artifício - diretores, escolas, tendências**. 4. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

SETARO, Andre. **Escritos sobre cinema: trilogia de um tempo crítico**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Azougue, 2010.